

## “CONTO DE ESCOLA”: MÉRIMÉE EM MACHADO DE ASSIS

Karin Lilian Hagemann Backes<sup>1</sup>

- **RESUMO:** Segunda língua de Machado, mais da metade de sua biblioteca está em idioma francês, mas a influência da língua de Molière ainda é menos vista do que alguns nomes ingleses que o próprio escritor declara, como Laurence Sterne. O texto trata da relação direta entre um conto do autor francês Prosper Mérimée, “Mateo Falcone”, publicado em 1830, e uma das obras-primas machadianas, “Conto de escola”.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis. Conto brasileiro. “Conto de escola”. Mérimée. “Mateo Falcone”.

Numa conferência sobre Prosper Mérimée proferida na Taylor Institution, Oxford, em dezembro de 1890, o crítico e esteta inglês Walter Pater (1910) afirma que seu conto “Mateo Falcone” está entre as histórias mais cruéis que já foram escritas.

Mestre do gênero, Mérimée é hoje mais conhecido como o autor de *Carmen*, a história da inconstante e infiel cigana espanhola que mais tarde foi tema da ópera de Georges Bizet. O conto “Mateo Falcone” sai em uma revista parisiense, com a assinatura do autor, em maio de 1830. É a estréia da Córsega como cenário de enredos violentos, fato repetido com a novela *Colomba*, ainda que o autor só venha a conhecer a terra de Bonaparte alguns anos mais tarde, numa viagem feita em 1839.

Tal como Machado de Assis, também Prosper Mérimée está mal assentado quando o objetivo é enquadrar sua produção num lugar fixo. Mesmo seu gosto romântico pelo místico, que chega até ao sobrenatural em contos como “Visão de Carlos IX”, não compensa o pessimismo e a ironia velados saídos de sua pena que o une aos realistas. São essas características, que a crítica percebe como as mais destacadas no autor, que primeiro o aproximam de um escritor, também ele irônico e melancólico, que leu suas obras com muito cuidado, Machado de Assis. No caso do primeiro conto publicado por Prosper Mérimée, “Mateo Falcone”, julgamos haver influência direta sobre uma obra-prima machadiana, “Conto de escola”.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria da Literatura. PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre – RS – Brasil. 90619-900 – karinh@uol.com.br

Uma olhada na biblioteca de seu fundador na Academia Brasileira de Letras, ou do que restou dela, nos mostra que ela ainda contém, depois de uma inundação, oito volumes de obras de Mérimée. Diz Lúcia Miguel Pereira (1988, p.61) ser “[...] quase um truísmo lembrar que as influências, por mais ilustres que sejam, só fecundam aqueles que uma disposição anterior prepara para as receber.” Tal é o caso entre Machado e a literatura que o precedeu, tanto da nacional quanto da estrangeira.

Para Antonio Candido (1993), a escrita de Machado de Assis tem raízes na obra alencariana, particularmente dos volumes em que o cearense aproxima seus personagens da investigação psicológica, como *Lucíola* e *Senhora*. No entanto, julgamos que entre as influências estrangeiras que o próprio Machado aponta, como Xavier de Maistre e Laurence Sterne, cabe um lugar para a literatura francesa, com franca influência de Mérimée. Uma visão panorâmica da ficção machadiana inclui esses escritos entre aqueles que Júlia Kristeva (1974, p.64) denomina de “intertextos compartilhados”, ali divididos entre autores nacionais, ingleses e franceses, formando o conhecido “mosaico de citações”. Na verdade, em obra dedicada exclusivamente às relações entre a literatura machadiana e a francesa, destacando nesse estudo dois de seus romances, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, Gilberto Pinheiro Passos (1996, p.15) percebe que

[...] a cultura francesa se faz presente [...] ora às escâncaras, no próprio idioma de Molière, ora por meio de traduções nem sempre fidedignas, ou mesmo por referências aparentemente anódinas a personagens e autores, estabelecendo associações insuspeitadas à primeira vista, mas sempre indicadas pelas narrativas [...].

Quanto às influências literárias de Mérimée, algumas delas são reveladas pelo autor através do conto “O padre Aubain”, que lista treze autores diferentes, a maioria deles também presente na biblioteca de Machado, como Lord Byron, Lamartine e Virgílio. No entanto, seus autores preferidos eram, na verdade, Aristófanes, Rabelais e Cervantes, fontes de inspiração de sua veia satírica.

Nas contas de Jean Michel Massa (apud JOBIM, 2001, p.97), a predominância da língua francesa na biblioteca machadiana aponta na direção de uma “[...] pista essencial para a pesquisa e o estudo da obra.” Contudo, é o intelectual probo por trás da figura de Machado quem nos dá a dica reveladora, apontando para as fontes de sua inspiração em *Várias histórias*, já na introdução que se segue a uma epígrafe de Diderot:

As *Várias Histórias* que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser acrescentadas, se não conviesse limitar o livro às suas trezentas páginas. É a quinta coleção que dou ao público. As palavras de Diderot que

vão por epígrafe no rosto desta coleção servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. É um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do filósofo. **Não são feitos daquela matéria, nem daquele estilo que dão aos de Mérimée o caráter de obras-primas, e colocam os de Poe entre os primeiros da América [...]** (ASSIS, 2004, v.2, p.476, grifo nosso).

A força dos textos de Machado, para Lúcia Miguel Pereira (1988), está menos nas linhas gerais que atestam a inimizabilidade do ser humano, apenas sugeridas, que nos pormenores que denunciam as fraquezas e que são quase sempre reiterados. A ensaísta alega ser esta a razão da supremacia dos contos sobre os romances do autor, pois sua força estaria nesses flagrantes que focalizam as debilidades humanas de modo particular. Os dois contos desta análise encaixam-se nesse parâmetro. “Mateo Falcone” e “Conto de escola” falam de fraquezas cometidas enquanto o homem ainda está em formação, na tenra idade de dez anos, numa dura aprendizagem da delação e da corrupção.

A fábula de Mérimée conta a história de um camponês corso, pai de três filhas e cujo caçula, Fortunato, tem dez anos de idade. Certa manhã, Mateo sai de casa para vistoriar seus rebanhos em companhia de Josefa, sua mulher, e o pequeno fica para tomar conta da casa. Horas depois, ele ouve uma série de disparos, quando surge Gianetto Sanpiero, um bandido ferido perseguido pela milícia, os “golas amarelas”. Reconhecendo o filho de Mateo, ele pede para ser escondido, mas Fortunato recusa. O fugitivo o ameaça de morte, porém ele não se dobra. Mas em seguida o pequeno faz uma proposta e pergunta o que Gianetto lhe dará em troca. Ele retira da bolsa uma moeda de cinco francos, de prata. O menino sorri e o esconde num monte de feno sobre o qual acomoda uma gata e seus filhotes, tapando depois as marcas de sangue da estrada com terra. Após alguns minutos, aparecem seis homens de uniforme comandados pelo adjunto Teodoro Gamba, que pergunta a Fortunato se não passou por ali um homem de casaco preto. O menino não responde, irritando Gamba, que também o ameaça, mas ele usa o nome do pai, assustando os outros policiais. Então Teodoro saca do bolso um relógio de prata e oferece a ele, que nesse momento ergue a mão esquerda e indica o monte de feno. Enquanto os atiradores prendem o fugitivo, chegam Mateo e a mulher, a quem o adjunto conta como conseguiu a captura graças à ajuda de Fortunato. Então, o preso cospe no chão e insulta Mateo, dizendo: “Casa de traidor” (MÉRIMÉE, 1960). Eles se vão, e por dez minutos o corso fica calado. Josefa avista a corrente do relógio saindo da camisa do filho e pergunta de onde o objeto surgiu. Com a resposta, o pai espatifa a o relógio contra a parede. O pequeno soluça alto e Mateo diz a Josefa que se despeça do menino. Joga a arma no ombro e juntos seguem o caminho do matagal.

Reproduzir com outras palavras que não as do próprio Mérimée as últimas linhas do conto retira o impacto causado por sua linguagem e seu poder de concisão, que não utiliza duas palavras se pode fazer melhor. Portanto, optamos por reproduzir aqui o texto integral, na tradução de Mário Quintana:

- Fortunato, vai para junto daquela pedra grande.
- O menino fez o que lhe ordenavam, depois ajoelhou-se.
- Reza as tuas orações.
- Meu pai, meu pai, não me mate.
- Reza! – repetiu Mateo com voz terrível.
- O menino, balbuciando e soluçando, rezou o *Padre-Nosso* e o *Credo*. O pai, com voz forte, repetia *Amém!* no fim de cada prece.
- São só essas orações que tu sabes?
- Eu sei também a *Ave- Maria*, meu pai, e a ladainha que minha tia me ensinou.
- É muito longa, mas não importa.
- O menino terminou a litania com voz apagada.
- Terminaste?
- Oh! Meu pai, por amor de Deus, perdoe-me! Eu não farei mais! Pedirei tanto ao meu primo caporal, que hão de perdoar ao Gianetto!
- Continuava a falar, enquanto Mateo armava a espingarda e apontava-a, dizendo-lhe:
- Que Deus te perdoe!
- O menino fez um desesperado esforço para se erguer e abraçar-se aos joelhos do pai; mas não teve tempo. Mateo fêz fogo, e Fortunato caiu morto.
- Sem olhar para o cadáver, Mateo retomou o caminho de casa, em busca de uma enxada para enterrar o filho. Mal dera alguns passos, encontrou Josefa, que corria alarmada com o tiro.
- Que fizeste?
- Justiça.
- Onde está ele?
- Lá embaixo, no barranco. Vou enterrá-lo. Morreu como cristão, mandarei rezar missa por ele. Dize ao meu genro Teodoro Bianchi que venha morar conosco. (MÉRIMÉE, 1960, p.39).

Nas palavras de Walter Pater (1910), nós sabemos que piedade e terror formam a estrutura essencial do senso trágico, porém em Mérimée temos somente o terror, e ao lê-lo, é quase possível perceber como escreve, com uma serpente enrolada na mão.

Na narrativa de Machado, Pilar, menino de dez anos como Fortunato, é morador de um subúrbio carioca, filho de pai militar, e cabulador contumaz no humilde sobrado onde funciona a escola. Mas naquele dia escolhe deixar a pipa de lado e comparecer às aulas. Raimundo, filho do professor, aluno fraco que tem

dificuldade de aprender a lição e muito medo do pai, oferece uma moeda de prata para que Pilar lhe ensine o ponto. Curvelo, colega de ambos, observa a transação e delata os dois meninos para um Policarpo que lia, indignado, as notícias de jornal que davam conta do adiantamento da maioria de D. Pedro II por meio de um golpe político. O mestre-escola dá um sermão nos dois e joga a moeda pela janela. Pilar ainda pensa em se vingar de Curvelo, que não vai à aula de tarde, mas depois desiste; no dia seguinte, sai para brincar de calças novas, sonhando recuperar a moeda, mas por fim sai correndo atrás do batalhão de fuzileiros que toca *Rato na casaca*.

“Conto de escola” é publicado pela primeira vez na *Gazeta de notícias* de oito de dezembro de 1884, e está incluído no conjunto que sai em volume em *Várias histórias* no ano de 1895. Na linha da crítica psicológica estabelecida por Lúcia Miguel Pereira, Josué Montello (1997, p.181) considera que ele é

[...] tão perfeito nas suas minúcias urbanas e tão bem composto no seu tom evocativo, entre os grandes textos machadianos, que dificilmente deixaria de ser uma página de memória, viva, flagrante, humana, com a figura do mestre, o ambiente da escola, a evocação da sala de aula, e a experiência do menino, tudo a deixar sentir o flagrante da via autêntica, que a evocação do adulto teria ido buscar no íntimo de suas recordações.

É um narrador com alguma distância em relação ao tempo da ação que nos conta a história, numa linguagem cuidada que Roberto Schwarz (2004, p.10, grifo nosso) vê como “[...] a desenvoltura intelectual do narrador, em desproporção com o mundo acanhado das personagens, funciona [ndo] como um meio de lhes compensar o isolamento histórico [...] compondo uma mistura e uma fala peculiares, que vieram a ser marca registrada do autor” operando assim o que ele denomina de “desprovincialização e universalização” no sentido literal desses termos.

Prosper Mérimée faz uso desses mesmos recursos narrativos em seus contos. O narrador é em geral um forasteiro, um viajante, enfim, alguém que está de passagem, emprestando com o olhar supostamente distanciado de quem não presenciou os fatos diretamente, maior verossimilhança ao relato que, por sua vez, transmite ao leitor, como em “A partida de gamão”, *Carmen*, em “Mateo Falcone” e na novela *Colomba*, mencionada por Machado de Assis (2004, v.3, p.752) em uma de suas crônicas.

Como em Machado, o narrador-viajante de Mérimée escapa ao padrão mediano, ao receber de seus anfitriões a deferência devida a pessoas de alguma importância, em especial quando o cenário é um lugar distante, ou até mesmo exótico, validando a narrativa ao desvincular o espaço da pequenez da província e conduzindo-a ao estatuto de relato universal, através da condição intelectual ou social diferenciada desse narrador. Em “Conto de escola”, é um Pilar já adulto quem narra a passagem da infância, contando ao tempo da narrativa, assim como Fortunato, dez anos de

idade. Quando rememora a facilidade com que na meninice se desincumbia da lição, e depois se ocupava em delinear o nariz do mestre, lista

[...] cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recorro a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudantes de primeiras letras que era, mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. (ASSIS, 2004, v.2, p.550).

Tal comprova o desenvolvimento operado não só por conta da passagem do tempo que marca a diferença entre infância e idade adulta, mas o alargamento das perspectivas de seu intelecto dando validade universal a essa narrativa, como quer Schwarz (2004).

A medida do tempo também se mostra através da transformação do Rio de Janeiro, cenário por excelência do escritor, em espaço urbano, onde o campo de Sant’Ana não é mais “[...] o espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos.” (ASSIS, 2004, v.2, p.549), mas um parque no qual passeiam senhores da burguesia ascendente. Na cidade que avança em direção ao espaço antes ocupado pelas lavadeiras, o cenário rural aos poucos vai se alterando, tanto no aspecto como na função. Com sua brevidade, Machado coloca de maneira sucinta, mas eficiente, o desenvolvimento urbano carioca que aponta, como já percebia Raymundo Faoro (2001), o equívoco de se considerar a sociedade brasileira do século XIX ligada de modo privilegiado ao mundo do campo. O ensaísta sustenta que havia, desde os primórdios da formação dessa sociedade, uma classe de comerciantes e de donos de capitais ao lado da aristocracia que cultivava açúcar e café. O rápido desenvolvimento dos arredores da urbe, com o auxílio dos testemunhos literários de Machado, vem confirmar essa impressão.

Paul Dixon (1992) reconhece nos contos de Machado de Assis narrativas estruturadas de modo dialético, onde as possibilidades dividem um sujeito que fica indeciso diante de uma realidade que lhe oferece escolhas diversas, mas excludentes, e que, no entanto são igualmente convincentes. Tal é o caso de Pilar, que em “Conto de escola”, como um narrador preso a dois tempos, infância e maturidade, passado e futuro, inicia a história dividido entre o morro de S. Diogo e o campo de Sant’Ana, indeciso entre planalto ou planície, até que por fim, vence a parada entre dois espaços abertos o espaço fechado, a escola. A decisão de estudar em vez de brincar é imputada a duas traquinagens feitas na semana anterior, que resultaram numa surra de vara de marmelo dada pelo pai. Tal figura, Machado aproxima mais dos contornos de Mateo Falcone, como um “velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante” (ASSIS, 2004, v.2, p.548), e com certeza, também familiarizado com o trato de fuzis e armas de fogo que marca a personagem do curso. Como Fortunato, seu par no conto de Mérimée, também Pilar, apesar de valente, tem medo do pai.

A economia com que o autor delinea o lugar do início da história comprova a já apontada antipatia de Machado pelo uso excessivo da natureza como expediente para transmitir ao texto “cor local” e nuances de brasilidade (SÜSSEKIND, 1990, p.266). É o próprio autor quem declara a Magalhães de Azeredo que não é indiferente a ela, mas que a preocupação basilar de sua escrita é o homem (PEREIRA, 1988, p.169).

A ação em “Mateo Falcone” está centrada entre a morada do corso e o mato, a meia légua de Porto-Vecchio. Mérimée gasta muito mais tinta que Machado na descrição da floresta espessa que cresce entre os incêndios ateados pelos lavradores para limpar o terreno, mas pela boa razão dela ocupar um lugar relevante na história. Além disso, o “mato” também funciona como o correspondente natural da alma corsa, numa relação metonímica que entrelaça Mateo, seu habitat e sua gente. Selvagem, denso e impenetrável, é ainda uma metáfora da personagem. Enquanto Mérimée não precisa o ano de sua fábula, Machado é mais direto. Seu conto tem ano, mês e até dia da semana, porque ali corre a história paralela do golpe que adiantou a maioria de D. Pedro II, ainda que a segunda-feira que consta do texto não fosse o dia da publicação do decreto que causa a raiva de Policarpo (GLEDSON, 2006).

Machado dá a Policarpo a idade de Mateo Falcone, em torno de cinquenta anos. Bastante diferente de Mateo, o jeito a princípio afável do professor é definido com sutileza machadiana pelo caminhar, “o andar manso do costume”, e também do traje que denuncia sua condição econômica precária, “[...] em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído” (ASSIS, 2004, v.2, p.548). Enquanto Machado ressalta um tipo de estatuto que localiza sua personagem na pirâmide social, Mérimée destaca o aspecto exterior de Mateo como reflexo direto de sua dura cepa interior, “Imaginaí um homem baixo, mas robusto, de cabelos crespos, negros como ébano, nariz aquilino, lábios delgados, olhos grandes e vivos, e uma pele cor de couro cru.” (MÉRIMÉE, 1960, p.30). Mateo Falcone, nas palavras do autor, era homem de posses e vivia na condição privilegiada de não ter que trabalhar para viver, sobrevivendo de seus rebanhos.

Apesar de desfrutar de situação confortável, não há indicação por parte de Mérimée de que sua personagem seja homem ilustrado, enquanto o autor brasileiro escolhe como personagem um humilde mestre-escola, mas politizado leitor de jornal. Como pais dos meninos corrompidos, eles se diferenciam também na razão de sua fúria. Mateo obedece a um código de honra que exige o estrito cumprimento das leis severas que regem seu grupo social, no qual a compaixão está descartada. A acusação de Gianetto é afronta intolerável, e o nome da família deve ser reparado de acordo com o costume ancestral que manda lavar o insulto com sangue, e que não admite questionamentos. Policarpo, afável até chegar à escola, vai-se transformando à medida que lê as notícias do golpe da maioria nas folhas do jornal, com exclamações e pancadas na mesa. A indignação com a política se traduz na raiva extravasada quando

a oportunidade de punir se apresenta diante dele com o episódio da corrupção. Sem poder tomar qualquer providência, pois pertencia a uma classe alijada das decisões políticas, há tempos esquecida pelos dois partidos que se alteravam no poder, vai à forra quando a ocasião lhe apresenta um caso de decomposição moral bem na sua frente. Portanto, os meninos pagam duas vezes, primeiro pelo seu próprio erro, e depois, pagam também por conta de um evento que acontece muito longe de suas vidas de arrabalde, pois mesmo que não seja uma espingarda, com certeza a palmatória bateu mais forte naquele dia. Enquanto a fúria de Mateo obedece sem vacilar a um código moral de extrema rigidez, Policarpo se enfurece por conta das maquiavélicas trocas de favores e do descumprimento da lei, num país em que a ética política frouxa permite o golpe da Maioridade.

A corrupção entre meninos que ainda são crianças é convertida por Machado num microcosmo que incide de maneira direta na política do Segundo Reinado. Esse olhar pessimista, que retroage ao tempo em que D. Pedro II era um rapaz de quatorze anos, apenas quatro a mais que os meninos, talvez ilustre por meio do conto uma hipotética formação moral das classes políticas e comerciais atuantes na época em que foi escrito, mais de quarenta anos depois, oportunizando uma visão desse macrocosmo a partir de sua origem. A criação ficcional não nos explica qual é o ofício ou a atividade a qual se dedica o narrador, auto-intitulado como inteligente, mas de poucas virtudes. Se ele está ou não incluído entre os políticos que atuavam a época que precedeu a queda do Segundo Império, num período em que o país estava mergulhado no caos, ou se acabou cumprindo o sonho do pai de ser caixeiro, é mais uma lacuna machadiana, que o bruxo nos deixa para preencher. A respeito disso, Roberto Schwarz observa que as referências, alusões e datas de fatos históricos não seriam, num escritor escrupuloso como Machado, notas aleatórias. Num posfácio a uma obra de John Gledson, ele nota a percepção do inglês a respeito de “[...] um funcionamento simbólico de cenas e personagens da vida privada, que, mediante indicações calculadas, parecem ter equivalente na arena política, a que pela feição entretanto não pertencem.” (SCHWARZ, 2003, p.323).

Tal ponto de vista é comprovado com o uso da hipertextualidade, ao levar uma história passada numa ilha européia longínqua para a turbulência que caracterizou o início do Segundo Reinado, transportando para a geografia brasileira e seu modo de ser peculiar o mesmo tema da corrupção e da delação, mas aplacando a brutalidade que tanto impressionou Pater (1910). A solução encontrada para a violência da arma de fogo foi a singela, porém eficaz palmatória, mas que, segundo o próprio narrador, “com seus cinco olhos do diabo” (ASSIS, 2004, v.2, p.551), era suficiente para aterrorizar os petizes submetidos a ela naqueles tempos.

As quatro funções desempenhadas pelas personagens no conto, corruptor, delator, corrompido, vingador, são solapadas por Machado em “Conto de escola”,



pois afinal, longe de ser uma imitação grosseira, ele altera a estrutura armada por Mérimée fazendo com que obedeça aos seus próprios desígnios como autor, desconstruindo a narrativa para recolocá-la, a seu gosto, dentro da realidade local em que alguns críticos já citados percebem ecos de sua infância.

Assim, Mateo Falcone tem seu correspondente direto no mestre Policarpo como o vingador que aplica o castigo, seja espingarda ou palmatória, ao menino que foi corrompido, porém permanece oculto atrás de Pilar o velho empregado do arsenal, figura paterna que apresenta as mesmas características violentas e a mesma familiaridade com as armas delineadas na personagem do corso.

Pilar, o corrompido que não resiste à tentação da moeda de prata, está ligado a Fortunato, no entanto o filho de Mateo está dividido num triplo papel. É corruptor, quando ele próprio se oferece ao suborno de Gianetto, delator, ao entregar o bandido, e corrompido, quando aceita o relógio de Gamba.

Um equilíbrio de forças maior em Machado coloca como delator um Curvelo apenas um ano mais velho que Pilar e Raimundo, depositando sobre Fortunato a força esmagadora da acusação adulta ligada ao insulto proferido por Gianetto que decreta seu destino. Mérimée observa que a moeda utilizada pelo assassino para subornar Fortunato talvez estivesse guardada para comprar pólvora, sua necessidade mais premente. Sem opção, o bandido a entrega a contragosto ao menino para salvar a vida. É interessante notar a inversão de papéis feita por Mérimée. É um fora-da-lei já adulto quem é obrigado a dar a moeda a uma criança, enquanto esta assume o lugar do corruptor. Gianetto, um bandido procurado pela polícia, compra sua segurança por cinco francos ao menino sem o ônus da corrupção. Quando assume o lugar de delator, está numa posição diferente de Curvelo, que é movido pela perversidade, pois o pouco que este teria a ganhar seria a suposta aprovação do mestre-escola.

Segundo José Veríssimo (1976), depois dos velhacos sem talento, os personagens que Machado mais despreza são os tolos. É este o lugar ocupado pelo adjunto Gamba na história de Mérimée, que faz papel de parvo ao revelar a ajuda que teve do filho do corso. O segundo corruptor de “Mateo Falcone” revela uma incrível ignorância do código de conduta local, a menos que se coloque a hipótese terrível da vingança deliberada contra o menino por conta da perda do relógio. A menção à delação premiada do filho de Mateo no relatório é a pá de cal que sela a sorte de Fortunato.

Enquanto Mérimée deixa clara a esperteza de Fortunato, com o estratagema do monte de feno e da gata, seguidos do cuidado que toma ao esconder os rastros de sangue, Machado inverte a feição da personagem que toma a iniciativa do suborno na sua história. Aqui Raimundo é o parvo, de “inteligência tarda”, apesar de ser aluno aplicado. Na linha do que Lúcia Miguel Pereira (1988) distingue como a inimputabilidade das personagens machadianas, ao filho de Policarpo é dado um

álibi pelo autor que, se não justifica, ao menos explica a razão do menino pagar pela lição que lhe custa aprender sozinho, o medo que tem do pai. De situação econômica mais abastada que a família do mestre-escola, Fortunato não mostra um motivo ao menos razoável que esclareça seu gesto, a não ser a moralmente condenável ganância. Como Bowman (1962) observa, ele é altivo e não teme nem as ameaças de Gianetto nem as de Gamba, escudado na reputação de seu pai, este sim, causador do medo que desata as lágrimas diante do temor do castigo próximo; é um herói degradado, mas quando se amedronta, é por um bom motivo.

No entanto, Machado segue o caminho de Mérimée quanto ao destino da peça que motivou a corrupção. Tanto Mateo quanto Policarpo, enraivecidos, atiram bem longe a moeda e o relógio. Nas duas obras os autores distinguem trechos que expõem os meninos, hipnotizados, diante do objeto do desejo. Pilar cai depois que “[...] ele pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... realmente, era bonita, fina, branca muito branca [...] e a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante...” (ASSIS, 2004, v.2, p.552). Teodoro Gamba oferece o relógio a Fortunato e o coloca bem diante de seus olhos, enquanto o objeto “[...] oscilava, volteava no ar, e às vezes lhe batia na ponta do nariz. [...] o quadrante era azulado... a caixa fora recentemente brunhida... e ali, ao sol, parecia toda de fogo.” (MÉRIMÉE, 1960, p.35).

Machado e Mérimée exploram visualmente a moeda e o relógio, colocados em movimento diante dos meninos, fazendo-os temer que desapareçam, que entrem pelos bolsos de Raimundo e Gamba para nunca mais, além de exibir o brilho reluzente que os fascina e os cega, até a rendição final. Quando a fúria de Policarpo e de Mateo os alcança, eles reagem de acordo com os dez anos que têm. Choram e pedem perdão, mas acabam castigados, Fortunato pagando com a vida, e Pilar, com doze bolos da temida palmatória. No ato de atirar fora a moeda que contém a efígie de D. João VI, John Gledson (2006) também percebe da parte de Policarpo uma rejeição à monarquia.

Prosper Mérimée (1960, p.30) é muito específico nas linhas do conto dedicadas a evidenciar que tipo de atirador era Mateo Falcone:

A oitenta passos, colocavam uma vela acesa por trás de um transparente de papel do tamanho de um prato. Ele fazia mira, depois apagavam a vela, e, ao cabo de um minuto ou mais na mais completa escuridão, fazia fogo; em três vezes sobre quatro, conseguia atravessar o transparente.

Tais minúcias são inseridas de modo insistente pelo autor ao longo do conto e servem mesmo como indicio da resolução do conflito, mas é a serpente que Pater (1910) vê enrolada em sua mão que dita a ironia terrível dessa habilidade ser completamente desnecessária para o tiro mais importante de sua vida, quando fuzila o próprio filho à queima-roupa.

Essa crueldade se associa ao ferrenho anticlericalismo na última parte do conto, quando o Mateo ordena ao filho que reze as suas orações. Para o pai, cumprir-se nas litânias religiosas uma regra tão rígida e inquestionável como seu código de honra, e em sua visão estreita não percebe que, para cumprir a segunda, está descumprindo a primeira, pois não pretende perdoar Fortunato. Mas um último fio de esperança talvez permaneça em alguns leitores enquanto a criança desfia as ladainhas, e só se desfaz quando Mateo faz fogo. O distanciamento ao expor de modo cru e sem adornos esse fato chocante é essencial no estilo do autor, e traz mais impacto à cena. O corso nem sequer olha para o filho morto. Com seu estilo seco, o narrador de Mérimée descreve estritamente os acontecimentos, sem julgar nem comentar as atitudes das personagens.

A eleição para narrador de um Pilar já adulto recuperando um episódio da infância já perdida no tempo, possibilita a Machado emitir por meio de sua voz os sentimentos que o assaltaram quando menino. Como homem maduro, ele relembra os termos da proposta e a lição de troca de favores envolvendo recompensa financeira no aprendizado da corrupção e da delação. O medo e a necessidade que moveram o corruptor Raimundo e a delação gratuita de Curvelo, o momento em que, seduzido, decide ficar com a moeda, mesmo sabendo que daria a lição de graça, possibilitam nessa auto reflexão recuperar o instante de transição que dividiu sua vida entre infância e idade adulta. Inveja, ganância, fúria, orgulho, aparecem no conto mascarados por um primeiro plano de narrativa que ilustra um episódio de crime e castigo entre crianças, com punição no fim.

Os dois contos se passam no espaço de um mesmo dia, mas em Machado a personagem sobrevive para acordar na manhã seguinte e seguir para a rua. No mesmo esquema do conto francês, faz uma menção religiosa no texto, mas a sua é singela e indica o destino sofrido pelo pobre Fortunato de Mérimée, “saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém” (ASSIS, 2004, v.2, p.554).

Pilar sai para brincar de calças novas, dadas pela mãe, “por sinal que eram amarelas”. A princípio, a cor das calças pode parecer detalhe irrelevante, porém “golas amarelas” era a denominação da milícia corsa no conto de Mérimée, e quase podemos perceber de Machado uma mensagem à moda de Sterne, a mofa à nossa custa que diz, “Se não percebes por que razão as calças são amarelas, caro leitor, o problema é teu”. Os fuzileiros, esses são colocados pelo autor nas últimas linhas do conto, e não no início da história como faz o escritor francês. Pilar segue o batalhão, rasga as calças e esquece a escola, mencionando a melodia *Rato na casaca*, de que Machado faz uso para retomar o assunto da Maioridade do jovem imperador e da degradada classe política. Sob um pano de fundo ensolarado, a pena melancólica e pessimista mostra o menino plenamente recuperado do episódio, esquecido dos bolos e só pensando na moeda. Ao sair de casa, ainda tenta poupar as calças novas,

mas as boas intenções são deixadas pra lá em pouco tempo. O olhar que percebe em algumas obras de Mérimée um arcabouço semelhante ao *Bildungsroman* (BOWMAN, 1962, p.144) pode ser acoplado aos dois contos em questão, como histórias de formação, de aprendizagem, na fala de Pilar, “o primeiro conhecimento”, que em Mérimée não continua porque no autor o primitivo não respeita a vida humana.

Prosper Mérimée e Machado de Assis compartilham entre si a ironia, o distanciamento das personagens, a penetração psicológica e uma situação literária indefinida pelos padrões ortodoxos, mostrando nesse mosaico realismo, influências românticas e uma busca de modelos que descarta seus contemporâneos e retroage algumas décadas na procura de padrões de afinidade. Pessimistas e ateus, ambos permaneceram fiéis às suas convicções até o fim da vida, apesar dos problemas de saúde dos quais ambos se queixavam e da aproximação da morte. Dividem ainda um mesmo desejo de ascensão a uma classe social que não era a sua. Mérimée nasce burguês na cidade que abrigava a corte mais esnobe da Europa, e Machado, mulato e gago, dentro de uma sociedade que tentava lustrar através das aparências. Ambos alcançam seu intento por meio tanto do talento literário que os faz respeitados, como da aptidão para os relacionamentos sociais. Por toda a vida ocupam cargos públicos e freqüentam a melhor sociedade de seu tempo, e vivem o suficiente para ver a derrocada da monarquia em seus países, os dois um tanto céticos quanto às possibilidades de progresso com a troca de regime. Do mesmo modo, o relativismo e a inimizabilidade de Machado são também intrínsecos aos textos de Mérimée por conta de sua visão do homem como um ser alijado da vontade própria, cuja conduta individual é condicionada pelo tempo histórico em que vive; portanto, ele não pode ser responsabilizado pelos seus atos, pois é arrastado pelas circunstâncias que o fazem ser quem é, mesmo que elas não sejam moralmente aceitáveis. Segundo Frank Bowman (1962), é esse o caso de Mateo Falcone. E concordamos que é, igualmente, o caso de Pilar, que cresce na percepção de uma realidade econômica e social desfavorável contra a qual terá de lutar. É nessa pré-condição perversa que Machado percebe o germe que fermenta a política de favores, a troca de benefícios, seja ela legítima ou não.

Por fim, esperamos ter comprovado a relação de hipertextualidade entre “Mateo Falcone” e “Conto de escola”. São duas obras-primas, sendo que Machado, partindo do conto de Mérimée como texto base, constrói o seu conto de modo mais enxuto, expressando, entretanto, mais do que seu modelo. O autor francês alguma vez foi censurado pelo seu distanciamento das personagens, e como já foi dito, tem aí a companhia de Machado. Porém o escritor brasileiro, mesmo sem julgar e apresentando os fatos de modo direto, aprofunda algumas questões psicológicas,

como na reflexão de Pilar sobre o problema da corrupção e da delação, que fazem com que sua narrativa cresça até sobrepujar a de Mérimée. Talvez a grande força de “Mateo Falcone” esteja na espantosa violência do trecho final. Em menos linhas, o autor brasileiro explora aspectos do espaço urbano, discute questões políticas e históricas do Segundo Reinado, e sendo Machado, como dizia José Veríssimo (1976), um escritor forrado de filósofo, dá pano para manga na abordagem do aprendizado de vida e de suas dolorosas lições acontecendo a par do turbulento período de transformação que divide infância e idade adulta.

Numa crônica datada de 16 de agosto de 1896, Machado rememora a discussão que teve com um grupo de amigos acerca da sobrevivência de livros e de autores daquele século, o XIX. Nas palavras de Machado de Assis (2004, v.3, p.724):

[...] não foi pequeno o nosso trabalho abatendo cabeças altivas. Nem Renan escapou, nem Taine: e se não escapou Taine, que valor pode ter a profecia dele sobre as novelas e contos de Mérimée? *Il est probable qu'en l'an 2000 on relira la PARTIE DE TRIC-TRAC, pour savoir ce qu'il en coûte manquer une fois à l'honneur.* Taine não fez como os profetas hebreus, que afirmam sem demonstrar; ele analisa as causas da vitalidade das novelas de Mérimée, os elementos que serviram à composição, o método e a arte da composição. O tempo dirá se acertou; e pode suceder que o profeta acabe antes da profecia e que no ano 2000 ninguém leia a *História da Literatura Inglesa*, por mais admirável que seja este livro.

Mas no ano 2000 os contos de Mérimée terão século e meio. Que é século e meio! [Diz Taine] que não se pode julgar seguro o renome de um homem antes de 100 anos depois dele morto [...]. Em tal caso, o autor de *Carmen* estará igualmente seguro, se o seu profeta acertou. Resta lembrar que a vida dos livros é vária como a dos homens. Uns morrem de vinte, outros de cinquenta, outros de cem anos, ou de noventa e nove, para não desmentir o poeta [...].

Tal crônica nos apresenta dois fatos. O primeiro é que Machado conhecia bem a obra de Mérimée, e, mais que isso, sua análise por outros autores, como é o caso de Taine, nas minúcias enumeradas acima. O segundo é que Taine foi bom profeta quando previu que a obra de Mérimée sobreviveria, e Machado também, pois o profeta na verdade acabou antes da profecia; enquanto Taine anda esquecido, é possível ler *Carmen* em vários idiomas. Machado, enfim, também pode contar, passados cento e dez anos de sua crônica, com a sobrevivência de seus livros, semelhante ao vaticínio que previu para Mérimée. Pelo andar da carruagem, ou do *coupé*, ainda vão longe. É o que esperamos.

BACKES, Karin Lilian Hagemann. “Conto de Escola”: Mérimée in Machado de Assis. **Revista de Letras**, São Paulo, v.48, n.2, p.31-45, July./Dec. 2008.

- **ABSTRACT:** *Machado de Assis’ second language, most of his library is in French, although the influence of Molière’s language is less seen than some names the author himself declares, as Laurence Sterne. The text deals with the straight relationship between a short story of the French author Prosper Mérimée, “Mateo Falcone”, published in 1830, and one of Machado’s masterpieces, “Conto de escola”.*
- **KEYWORDS:** *Machado de Assis. Brazilian short story. “Conto de escola”. Mérimée. “Mateo Falcone”.*

## Referências

ASSIS, M. de. **Obra completa**. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. 3.v.

BOWMAN, F. P. **Prosper Mérimée: heroism, pessimism, and irony**. Los Angeles: University of California Press, 1962.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

DIXON, P. **Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia**. Porto Alegre: Movimento, 1992. (Coleção Machadiana, v.6).

FAORO, R. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Globo, 2001.

GLEDSON, J. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

JOBIM, J. L. (Org.). **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001. (Teoria e História).

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MÉRIMÉE, P. **Novelas completas**. Tradução de Mário Quintana, precedido de um estudo introdutório sobre “Mérimée” por Emile Faguet. Porto Alegre: Globo, 1960.

MONTELLO, J. **Memórias póstumas de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

PASSOS, G. P. **As sugestões do conselheiro**: a França em Machado de Assis: Esaú e Jacó e Memorial de Aires. São Paulo: Ática, 1996. (Ensaio, 143).

PATER, W. Prosper Mérimée. In: \_\_\_\_\_. **Miscellaneous studies**: a series of essays. London: Macmillan, 1910. p.172-196.

PEREIRA, L. M. **História da literatura brasileira**: prosa de ficção, de 1870 a 1920. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1988.

SCHWARZ, R. A viravolta machadiana. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23, de maio de 2004. Caderno Mais!, n.640, p.10.

SCHWARZ, R. A contribuição de John Gledson. In: GLEDSON, J. **Machado de Assis**: ficção e história. 2.ed. rev. e ampl. Tradução de Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p.319-326.

SÜSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

VERÍSSIMO, J. **Estudos de literatura brasileira**: 1ª. série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976. (Biblioteca de estudos brasileiros, v.11).